

A retórica e a procura da verdade em economia

Ramón García Fernández

Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Pretende-se, neste artigo, analisar a situação atual do chamado "Projeto Retórico" em Economia, proposto originariamente por Donald McCloskey em 1983 e que suscita intensos debates desde então. Em particular tentaremos avaliar as críticas (algumas das quais globalmente simpáticas, outras abertamente negativas) que lhe foram feitas pelos pesquisadores alheios ao *mainstream* em economia. Estas considerações tornam-se especialmente interessantes considerando o perfil muito particular de McCloskey, economista tão completamente ortodoxo em questões teóricas quanto heterodoxo em questões metateóricas ou metodológicas. Neste artigo, fazemos uma breve recapitulação inicial do surgimento da análise retórica em Economia e do seu impacto no meio acadêmico, vendo depois quais os motivos que impulsionaram este debate para o interior de nossa disciplina; posteriormente, estruturaremos o debate em torno a três questões centrais, discutindo se a defesa da análise retórica: a) implica necessariamente uma defesa de perspectivas irracionalistas; b) se é absolutamente incompatível com a procura da verdade; c) se leva a uma igualação eventualmente inadmissível entre ciência e arte. Finalizamos apresentando umas breves observações conclusivas.

O "Projeto Retórico": sua história e seu impacto.

Admite-se quase que consensualmente hoje que o monopólio na determinação dos padrões gerais de cientificidade que estabelecera o empirismo lógico no período de pós-guerra quebrou-se a partir do duro questionamento ao qual esta visão foi submetida pelos pensadores da corrente genericamente denominada do *growth of knowledge* (notadamente, mas não exclusivamente, Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend; vide Caldwell, 1984, caps. 2 a 5). Este processo refletiu-se rapidamente na Economia, talvez estimulado pelo crescente

ceticismo nesta disciplina quanto às possibilidades de verificação inquestionável dos resultados teóricos através de testes empíricos. Isto levou os especialistas em metodologia a se preocuparem com os meios usados pelos economistas para criarem suas convicções, transmiti-las aos seus pares e aceitarem resultados nesse intercâmbio de idéias. Em particular, a publicação do artigo "The Rhetoric of Economics" de Donald McCloskey em 1983 destacou a importância do estudo das formas em que os economistas persuadem uns aos outros, em contraposição à metodologia tradicional - alcunhada de 'modernista' por dito autor - vista por ele como "...uma amálgama de positivismo lógico, de conductismo, de operacionalismo e do modelo hipotético-dedutivo de ciência..." (1983, p.484) caracterizada pela "...devoção pela evidência objetiva, os testes quantificáveis, a análise positiva..." (1983, p.486).

As idéias de McCloskey foram posteriormente apresentadas mais extensamente em um livro (McCloskey, 1985) e desencadearam intensos debates²; efetivamente, como o próprio McCloskey enfatiza, para os economistas a palavra retórica está associada com escamoteação verbal, com "enrolação", como quando se diz que algo é "mera retórica" (McCloskey, 1983, p. 482). Ao contrário, neste projeto a retórica é entendida como, entre outras coisas, "...a arte de descobrir boas razões, de procurar o que realmente garante o consenso, porque toda pessoa razoável deve ser persuadida" (Wayne Booth em "Modern Dogma and the Rhetoric of Assent", p. 13, citado em McCloskey, 1983, p.482). Ou, conforme o próprio McCloskey viria dizer, "Retórica não é o que sobra depois de que a lógica e a evidência fizeram o seu trabalho (....) É a totalidade do argumento, do silogismo ao desdém. Tudo o que se move sem violência é persuasão, *peitho*, o âmbito da retórica..." (McCloskey, 1994a, p. 16-7). O debate

assim começado não apenas continua vivo hoje³, senão que abriu-se um vasto campo de pesquisa, de modo que anos depois Arjo Klammer referir-se-á ao “projeto retórico” em Economia — termo que utilizamos bastante nesse sentido neste artigo — desenvolvido por McCloskey e ele mesmo (Choi, 1991, p.132)⁴.

No Brasil as idéias de McCloskey e o projeto retórico também têm sido discutidos (embora esses debates tenham começado mais tarde), o que pode ser manifestado pela leitura de Aldrich e Salviano Jr. (1990), Rego (1990), Paulani (1992), Salviano Jr. (1993) e Anuatti Neto (1994)⁵. Destaque-se também que aqui este debate saiu do campo específico da economia, tendo chamado a atenção de um dos principais filósofos brasileiros contemporâneos, Bento Prado Jr., quem publicou junto com outro autor um artigo bastante simpático às preocupações de McCloskey (Prado Jr. e Cass, 1993).

Diversas objeções foram levantadas ao projeto de McCloskey, assim como também recebeu avaliações que, embora críticas, mostraram-se globalmente favoráveis. Conforme o próprio autor (McCloskey, 1988a, p.150), a repercussão de suas idéias foi muito boa entre os filósofos não vinculados à economia, entre os economistas acadêmicos, entre os jornalistas, entre os cientistas sociais e entre alguns dos especialistas em Metodologia da Economia. Todavia, a maior parte destes reagiu, segundo McCloskey, com fúria irracional⁶, e talvez o melhor exemplo destes o constitua Alexander Rosemberg, cujos dois artigos no debate deste assunto no número 4 (1) da *Economics & Philosophy* mostram, já a partir dos seus títulos, o absoluto desprezo deste autor pelo projeto retórico em economia (Rosemberg, 1988a e 1988b). A resposta de McCloskey a este autor, sob a forma de um diálogo socrático, forma parte do seu artigo nesse volume (McCloskey, 1988a, p. 156-166), o qual seria ampliado e reformulado como o diálogo “O Rosemberg” (McCloskey, 1994b, cap. 18). Neste último, outros metodólogos da economia também são alvo da ironia do autor: Roger Backhouse, Daniel Hausman, Terence Hutchinson e Mark Blaug. Todavia, considero que McCloskey talvez simplifique as coisas quando diz que o problema reside em que estes autores não queiram/possam entendê-lo, visto que eles utilizariam um *Verstehen* muito particular que lhes

permitiria saber o que deve ser rejeitado sem que seja necessário que seja previamente lido (1994b, p.249). Em realidade, todos estes autores manifestam, em maior o menor grau, uma simpatia pelo *Mainstream* em Economia, e avaliam que a obra de McCloskey minimiza os avanços que esta ciência fez⁷, assim como sua capacidade de fornecer resultados práticos e de fazer previsões⁸. De todos modos, conste que não é McCloskey o único autor neoclássico que faz críticas tanto à metodologia quanto à prática dos economistas desta escola, especialmente em sua vertente mais dominante nos últimos anos (equilíbrio geral mais expectativas racionais); Thomas Mayer, que dedica a Milton Friedman seu recente livro sobre questões metodológicas (Mayer, 1993), entende que não é bom para a economia o predomínio do que denomina ciência formalista sobre a que ele considera ciência empírica.

Contudo, embora a proposta de McCloskey não tenha sido bem acolhida pelos metodólogos ortodoxos (e provavelmente também pela maioria dos economistas dessa corrente, embora McCloskey afirme que encontrou boa receptividade), também isso não garantiu que fosse calorosamente recebida por todos os economistas opostos ao *Mainstream*⁹. Todavia, nestes casos o motivo da grande maioria das críticas se centrava no fato dele declarar que continuava se considerando um economista neoclássico¹⁰, donde se verificaria que: a) Sua abordagem retórica teria sido excessivamente moderada, e b) Haveria uma contradição lógica insuperável na tentativa de compatibilizar retórica e *mainstream* econômico. Quanto à primeira parte dessas objeções, veja-se por exemplo que Waller e Robertson (1990, p. 1029) criticam o fato de McCloskey acreditar que algumas coisas podem ser conhecidas por introspecção com a certeza que conhecemos os axiomas das matemáticas, desprezando o ponto de que a verdade é contingente nos indivíduos e na maneira em que estes conhecem as coisas e por isso avaliam a posição deste autor como sendo “pseudo-retórica”, pois estaria esquecendo que todo conhecimento é “provisório e relacional” (p.1043). Uma outra observação nesse sentido foi feita por um crítico simpático em termos gerais às idéias de McCloskey, Alan Dyer, o qual considera que a defesa dos aspectos artísticos do

trabalho científico e da necessidade de anarquia numa comunidade científica feita por aquele são limitados, propondo a utilização da semiótica em lugar da retórica para explicar melhor a natureza da investigação teórica (Dyer, 1988). Talvez a crítica mais detalhada das limitações da análise retórica conforme proposta por McCloskey seja a de Philip Mirowski, quem propõe incorporar ao manifesto original os seguintes pontos: "..." I) A análise retórica pode proporcionar *insights* valiosos, mas apenas quando é tanto diacrônica quanto sincrônica; II) O estilo da argumentação econômica não pode ser entendido independentemente do seu conteúdo ou de seu contexto; III) A análise retórica é intrinsecamente crítica, e nunca constituirá uma defesa satisfatória da teoria econômica neoclássica" (1988, p. 124). Isso nos permite entrar no segundo aspecto das críticas apontadas acima. Recorrendo de novo à formulação precisa e contundente feita por Mirowski, ele mostra que por exemplo a defesa do homem econômico racional se contradiz logicamente com a proposta de que os economistas se engajem em conversações honestas e abertas orientadas pela *Sprachetik* para resolver suas diferenças, pois neste caso eles não estariam tentando maximizar sua utilidade.

Todavia, embora a simpatia geral dos economistas alheios ao *mainstream* com a idéia da análise retórica pareça predominante (embora nem sempre gostem da maneira específica em que McCloskey a desenvolve), a posição anarquista (se pode ser usado esse termo, em sentido feyerabendiano) em questões metodológicas deste autor também conseguiu provocar críticas completamente desfavoráveis entre o mencionado grupo. Um excelente exemplo desta posição pode ser encontrado no artigo muito bem construído (muito persuasivo, falando *mcCloskeyanamente*) de Leda Paulani (1992) a qual, reivindicando-se como tributária da tradição crítica (p.163) propõe já no título do seu paper que as idéias de McCloskey "não têm lugar". Entendendo que esta interpretação do projeto retórico não é exclusiva da mencionada autora, embora esta posição dificilmente seja encontrada de maneira tão explícita, passaremos, a seguir, a analisar as críticas dela e de outros autores, tentando mostrar que o "projeto retórico" em geral, e a obra de McCloskey em particular, são compatíveis

como um todo com uma "tradição crítica" ou com visões não-neoclássicas da economia.

As origens do debate sobre Retórica em Economia.

Pergunto-me, inicialmente: como e por que chegou o debate sobre a retórica à economia? Entendo que nesse particular a posição de Pérsio Arida (1991) é bastante plausível. Ele atribui isso fundamentalmente a "exigências internas ditadas pelo próprio objeto" (1991, p.3), qual seja, o colapso das convicções metodológicas previamente vigentes, sejam modernistas ou popperianas; este fenômeno seria semelhante ao verificado na dogmática jurídica, opondo isso Arida aos casos da psicanálise e da teoria literária, onde o motor de seu ingresso teria sido o contato interdisciplinar. Isso significa dizer que: a) constata-se na Economia uma insatisfação com a hegemonia positivista; e b) que isto fez com que se fortalecesse uma visão que pretende, através da argumentação, interpretar os códigos explorando sua ambigüidade (pelo qual também teria surgido espaço para a entrada de análises hermenêuticas nesta disciplina). Paulani, contudo, questiona brevemente as duas afirmações (1992, p.164-5). Inicialmente, ela sugere que não houve colapso da metodologia falseacionista na ciência em geral e na economia em particular, logo a introdução da retórica não decorreria das tais exigências internas. Entendo, porém que, posto dessa maneira, este é um argumento ingênuo, e a própria autora o qualifica logo depois. Ou seja, não podemos pretender que o "colapso" signifique que ontem éramos todos positivistas lógicos e amanhã, após o colapso de hoje, todos defenderemos alguma variante da tradição do "Crescimento do Conhecimento". Mas o fato de existirem cada vez mais economistas descontentes com a metodologia oficial de sua ciência é para mim tão evidente que mencionar alguma dos autores que se encontram nesse grupo implicaria ser injusto com muitos outros. Poderíamos pensar inclusive que esse processo é tão forte que leva economistas essencialmente neoclássicos como McCloskey ou Mayer a se sentirem na necessidade de encontrar alguma outra forma de justificar suas convicções que não seja através do "modernismo".

Quanto à discussão de Paulani acerca da interpretação dos códigos, aparece uma nivelação entre retórica e "enrolação" bastante recorrente em

sua argumentação. Diz ela: "... na praxis jurídica, de fato, importa menos a verdade do que a persuasão: se o réu é culpado mas o advogado consegue, a partir do próprio código de leis, persuadir o júri de que ele é inocente, então seu discurso foi eficiente..." (1992, p.164). Acho que ninguém ensinaria, numa Faculdade de Direito, que o dever do advogado que sabe que o seu cliente é culpado seja o de mentir, deturpar, obstruir ou tergiversar; o que se ensina, sim, é que deve tentar interpretar as leis da maneira mais favorável ao seu cliente. Ou seja: se eu sei que meu cliente X matou Y, eu não deveria esconder as provas que o incriminam, confundir as testemunhas ou ameaçá-las (nem, no limite, subornar o júri), mas tentar mostrar que X fez isso porque a sociedade, a família ou as características da vítima tornaram o réu violento, ou que este estava emocionalmente alterado por tal ou qual coisa, ou outros argumentos nesse estilo; isso não impede que advogados sem escrúpulos sigam as práticas que teoricamente deveriam ser banidas da profissão, mas isso não é monopólio desta categoria. Ou seja: a (boa) praxis jurídica também teria uma *Sprachetik*, logo ela não teria como meta fugir da verdade, ou desprezá-la, e nesse sentido a comparação que Arida faz entre praxis jurídica e ciência seria relevante.

Vale a pena acrescentar mais uma explicação possível de porque a Retórica está ocupando um espaço maior nas preocupações dos filósofos, economistas, etc. Segundo McCloskey e Klammer (1995, p. 192-3), as atividades persuasivas — desde todo o tempo de trabalho de juizes, de especialistas em relações públicas, etc., passando por 75% do tempo de professores e vendedores até a quarta parte do tempo dos especialistas em ciências naturais, *inter alia* - vão abrangendo paulatinamente um espaço crescente nas ocupações da humanidade na mesma medida em que se reduz aquele dedicado às atividades diretamente produtivas, passando o tempo empregado em persuasão de representar 23% do PNB norte-americano em 1983 para 25% em 1988 e 26% em 1993.

Retórica e modernidade

McCloskey, em sua procura por criticar a metodologia que oficialmente os economistas defendem e segundo a qual se entendem como Cientistas (maiúsculas desse autor) — chamada segundo ele de *Recieved View* por seus críticos —

diz que ela "... é, grosso modo, 'positivismo'...", mas acrescenta que para enfatizar "...sua penetração no pensamento moderno bastante além da ciência, é melhor chamá-la 'modernismo'..." (1985, p.5, aspas do original). A partir disso, Leda Paulani propõe que ele pode ser considerado dentro das vertentes críticas da modernidade, sendo que "...o ponto em comum a unir todas elas é uma necessidade inescapável de realizar uma crítica radical da razão" (1992, p.155).

Sem discutir a interpretação de Habermas que esta autora propõe, não por isso concedo que a definição Habermas-Paulani de modernidade e termos correlatos, baseada em Kant, Hegel e o Iluminismo (p.154-5), seja a única possível. Na tradição dos países de língua inglesa, ou no mínimo nas discussões de filosofia da ciência e metodologia da economia, os termos modernidade e afins pareceriam estar muito mais vinculados com o racionalismo cartesiano levado ao extremo, ou com a particular mistura de racionalismo e empirismo radicais denominada positivismo lógico.

Não repetirei o elenco de características — os "Dez Mandamentos e a "Regra de Ouro" — do modernismo feita por McCloskey (1985, p. 7-8), me limitarei a lembrar sua definição de "metodologia modernista" baseada em Wayne Booth, qual seja, aquela que propõe que nós apenas podemos conhecer aquilo do que não podemos duvidar, e não podemos realmente conhecer aquilo com o que podemos meramente concordar (1983, p.484). Num contexto cultural semelhante ao de McCloskey, Sheila Dow (1991, p.82) diz "O significado de 'modernismo' parece estar razoavelmente bem estabelecido, referindo-se à procura de teorias universais através de disciplinas especializadas e formalistas, cujos conceitos sejam fictícios mais do que reais". Arjo Klammer, autor que partilha muitas posições com McCloskey sugere que "...modernismo, {é} a abordagem nas ciências físicas e humanas e nas artes que enfatiza o universal, o racional, a estrutura, a uniformidade, a identidade" (1988, p. 271-2). Contudo, para termos uma demonstração clara da confusão (no mínimo, da ambigüidade) que pode existir em torno aos conceitos de modernidade e seus correlatos no meio acadêmico que constitui a referência intelectual de McCloskey, pode ser muito esclarecedor ver também a definição de modernismo que faz E.S.Phelps em seu "Seven Schools of

Macroeconomic Thought" (Oxford, Oxford University Press, 1990; citado em Dow, 1991, p.81-2). Veja-se que, segundo Phelps, Keynes teria trazido para a economia a visão modernista, que estaria caracterizada pela consciência da distância entre a pessoa e os outros, pela multiplicidade de perspectivas, pelo fim da verdade objetiva e pelo vertiginoso senso de desordem (ou seja, uma interpretação do que seja modernismo diametralmente oposta à de McCloskey, Dow e Klamer). Soma nesse sentido lembrar que o filósofo francês Luc Ferry (1994, p. 326) aponta que no uso anglo-saxão o termo modernismo está ligado às vanguardas artísticas do século XX, à normalmente chamada "Arte Moderna"; o que confirma a multiplicidade de sentidos que os conceitos de "Modernidade" e seus derivados podem ter. Conseqüentemente, realça-se a impossibilidade de se estabelecer uma única interpretação a partir da qual se pretenda medir o uso desse termos e seus correlatos em qualquer circunstância.

A finalidade disto tudo é a de mostrar que não acredito estar sendo muito indulgente com McCloskey quando penso que para ele o modernismo é a visão de mundo que se caracteriza pelo que Philip Mirowski denomina "o vício cartesiano", qual seja, supor que "...o único raciocínio é o raciocínio formal, e o único pensamento é o pensamento consciente..." ao que este autor acrescenta que "...a tradição cartesiana é hostil à idéia de que os processos sociais de argumentação e persuasão possam ter qualquer significado no conhecimento racional, posto que apenas a mente individual pode convencer a si mesma; é também hostil à idéia de que há um componente social inerente ao crescimento do conhecimento..." (Mirowski, 1988, p. 119-120). Nesse sentido, as críticas de McCloskey à razão deveriam ser compreendidas (façamos um pequeno exercício de Verstehen) como um protesto contra o monopólio do conhecimento que os defensores da exclusivismo do raciocínio formal se atribuem. Veja-se uma afirmação de McCloskey (também citada por Paulani, 1992, p.159): "...se a escolha é entre ciência e irracionalismo, eu sou pela ciência" (1983, p.509). Isso me leva a considerar como falácia uma afirmação que permeia a argumentação de Leda Paulani: que, por propor limites à razão, possa se sugerir que McCloskey seja defensor do

irracionalismo.

Independentemente de quais sejam os significados de modernidade e de modernismo para McCloskey, uma segunda falácia é a de pensar que a única alternativa ao pensamento modernista seja o pós-moderno (ou que todas as alternativas possíveis devam ser assim interpretadas). Convenhamos em que até Arjo Klamer (1988, p.272), o autor com maiores afinidades intelectuais com McCloskey, cai nessa armadilha. Parece mais interessante porém lembrar a idéia da Sheila Dow, de que o pós-modernismo é apenas uma das alternativas ao modernismo, talvez sua alternativa extremada (1991, p.82-3). Veja-se por exemplo: "Abrir a economia a disciplinas tais como a psicologia e a antropologia para escapar dos grilhões da racionalidade do homem econômico certamente representa uma forma de fragmentação. Mas fica bem aquém do grau de fragmentação aparentemente imposto pelo pós-modernismo" (p.83). Ou seja, há lugar para ser "anti-modernista" ou "não-modernista", sem ser pós-moderno.

De todos modos, vale a pena lembrar que nem toda visão que se assuma pós-moderna necessariamente se opõe a perspectivas críticas. Dando apenas um exemplo, o economista David Ruccio, membro do Conselho Editorial da revista *Rethinking Marxism*, constata em um artigo a presença de uma perspectiva pós-moderna em economia, propondo que esta deve ser alargada e aprofundada (Ruccio, 1991, p.496). Nesse sentido soma Ferry que, em sua tipologia do pós-moderno (1994, p. 325-34), diz que uma das possibilidades é a de entender o pós-moderno como superação do modernismo, e cita (à página 332) uma frase de Albrecht Wellmer, autor próximo de Habermas segundo Ferry, que diz: "...Contra o racionalismo em seu conjunto, devemos levantar a objeção de que não temos de esperar legitimações últimas, nem soluções últimas. Porém, isso não significa que se deva desistir do universalismo democrático, nem que se deva renunciar ao projeto marxiano de uma sociedade autônoma, nem renunciar à razão. Isso significa antes que o universalismo do Iluminismo, as idéias de autodeterminação individual e coletiva, a razão e a história devem ser repensados. Na tentativa de fazer isso, eu veria um autêntico impulso pós-moderno rumo a uma auto-superação da razão".

Retórica e verdade.

O ponto central de várias das críticas endereçadas a McCloskey reside no desprezo pela verdade que o caracterizaria (além de Paulani, veja-se Mäki, 1988a e 1988b); a procura por persuadir o outro estaria desvinculada de qualquer compromisso com a verdade da posição defendida: "... nas visão deles {McCloskey e Klammer} a teorização em economia não procura a verdade, mas a persuasão com respeito a várias audiências..." (Mäki, 1988a, p.93-4). No caso de Paulani, seu argumento central e ponto básico de apoio é uma citação de McCloskey que vale a pena incluir aqui em forma mais extensa do que ela o faz: "A própria idéia de Verdade — com V maiúsculo, algo além do que é meramente persuasivo para todos os envolvidos — é uma quinta roda, não operativa exceto quando por acaso se solta e machuca algum circunstante" (1985, p.46-7) ¹¹. Pode ser interpretado por alguém pouco simpático com as posições do autor em apreço que decorre daí que se a verdade é uma "quinta roda", logo a verdade é inútil, logo dá na mesma defender uma afirmação verdadeira ou falsa desde que isso seja feito persuasivamente, logo o essencial é ser um "...mago da retórica, por piores que possam ser as intenções" (Paulani, 1992, p.160), logo às favas com a *Sprachetik*.

Vale a pena lembrar que a desconfiança das intenções dos retóricos têm uma longa tradição no pensamento ocidental, remontando a Platão (Brown, 1994, p.79). Conforme o próprio McCloskey, "...O problema clássico era que a retórica era um instrumento poderoso, facilmente desviado para fins perversos, o poder atômico do mundo clássico..." (1985, p.17). Todavia, Aristóteles defendeu a retórica por ser um tipo de arte — voltada à descoberta de todo tipo possível de persuasão — necessário para desenvolver qualquer outro tipo de arte e de ciência. Posteriormente, Quintiliano faria a síntese entre as duas posições ao apontar que a persuasão não é um fim nobre por si mesmo, e que portanto a retórica referir-se-ia essencialmente à prática da virtude através da fala. Então, se a retórica é a *bene dicenti scientia* (ciência da boa fala), necessariamente o orador deve ser um homem bom (Harris & Taylor, 1989, p. 61-2), o que representa claramente uma manifestação clássica das mesmas preocupações com o que hoje denominamos, neste contexto, como

Sprachetik.

Mas, voltando a McCloskey, pode se interpretar tão conclusivamente que ele despreza a verdade? Procurando evidências empíricas que poderiam satisfazer espíritos modernistas — as que, por sinal, também são importantes argumentos de persuasão para McCloskey — destaco que, segundo ele afirma, seu artigo inicial também poderia ter se chamado "A concepção pragmática de verdade em economia" (1983, p.483), o que quer dizer que algo se preocupa com (alguma versão d) a verdade. Klammer, em sua entrevista na *Methodus* diz que ele e McCloskey se espantam em como a abordagem retórica é mal interpretada "...como se nós só nos ocupássemos de lingüística ou da linguagem; como se fôssemos relativistas e não nos preocupássemos com a verdade. Isso é bobagem..." (Choi, 1991, p. 132). Não bastassem essas evidências, destaco uma idéia que acho que resume perfeitamente a perspectiva de McCloskey: "...pode ser afirmado com certeza que há um problema com a Verdade. O problema não é com a verdade em caixa baixa, que dá respostas a questões que surgem agora na conversação humana, sem exigir acesso à mente de Deus: Na escala Fahrenheit, qual é a temperatura em Iowa City hoje à tarde? Numa escala histórica, qual é a qualidade das decisões do presidente nos assuntos internacionais? Você e eu podemos responder tais perguntas, melhorando nossas respostas no discurso compartilhado. O problema surge quando se tenta saltar a um patamar mais alto, perguntando se tal ou qual metodologia levará ao fim da conversa, à Verdade final sobre economia ou filosofia." (1988b, p. 248).

No fundo, e menos elegantemente, a pergunta poderia ser: O.K., se podemos conhecer a Verdade, cadê o Verdadômetro? Porque vamos medir com teu Verdadômetro e não com o meu? Não creio que os participantes nesta polêmica estejam em desacordo quanto ao fracasso das metodologias verificacionistas ou falseacionistas. Também acho que parece evidente para qualquer um que não é bom que alguém seja o dono inquestionável da verdade. Nesse espírito Klammer (1988, p. 271) cita uma frase de Rorty, que diz que imagina uma cultura na qual "...nem os padres, nem os físicos, nem os poetas, nem o Partido, sejam vistos como mais 'racional', ou mais 'científicos' ou mais 'profundos'

do que os outros”.

Claro que este tipo de frases é a que se presta às piores interpretações: podemos imaginar um herdeiro intelectual dos piores radicalismos do *Wiener Kreis* dizendo que se os físicos são tão científicos quanto os poetas, podemos deixar que a trajetória do próximo satélite espacial seja calculada por estes e não por aqueles. A resposta poderia começar lembrando que os poetas vão ser razoáveis o bastante para não quererem se meter naquilo que não sabem, mas essencialmente se deveria apontar que parece existir um consenso social entre as pessoas civilizadas (preferentemente numa sociedade democrática) de que há indivíduos - engenheiros, físicos, astrônomos - mais capacitados do que outros - poetas, padres, economistas, arrumadeiras - para essa tarefa. Para citar Habermas via Paulani, isso exigiria o recurso a uma “...razão comunicacional, de fundamento intersubjetivo...” sendo que “...quando ele (Habermas) defende a razão comunicacional toma por suposto que no caso, por exemplo, de uma discussão científica, existe uma premissa implícita e comumente partilhada por todos os que se sentam à mesa: a de que estão ali para, dentro das regras da *Sprachetik*, buscar a verdade...” (1992, p.161).

Não parece que essa posição difira muito, em princípio, do convite à conversa civilizada proposto por McCloskey, desde que se entenda que ele não entende retórica como a arte da escamoteação, mas como (citando de novo Booth) “...a ponderação cuidadosa de razões mais ou menos boas para se chegar a conclusões mais ou menos plausíveis ou prováveis - nenhuma muito garantida, mas melhores do que aquelas às quais se chegaria por acaso ou através de impulsos irrefletidos...” (in McCloskey, 1983, p. 482-3).

Qual é o problema, então? Uma ou outra frase minimizando a importância da procura da verdade, simbolizada pela citação da “quinta roda”. Mas, de novo, se aceitamos que “deste lado do juízo final” (como McCloskey diz) não temos como chegar a conclusões últimas, não vejo muita (aliás, nenhuma) diferença entre uma conversa que procura aumentar o conhecimento através do diálogo com o interlocutor inteligente, e uma em que esses mesmos indivíduos mantêm o mesmo diálogo, mas postulando explicitamente que se sentem convictos

de estarem procurando a verdade, desde que ambas conversas respeitem a *Sprachetik*. Nesse sentido, desenvolvendo a metáfora, é que a verdade é uma quinta roda: não atrapalha, mas o carro do conhecimento rola igual que quando só tinha quatro.

Eu imagino que a repulsa provocada pela posição de McCloskey deva decorrer de pensar que para ele vale tudo (trapacear, digamos) desde que se iluda ao (imbecil do) adversário. Para mim, as referências à *Sprachetik* (por sinal, com menção explícita à Escola de Frankfurt, 1988b, p. 251, o que é particularmente significativo num economista de formação chicaguiana), bastam para afastar o medo dos “magos da retórica de péssimas intenções”. Portanto, parece razoável também vincular os esforços intelectuais de McCloskey com o projeto de Habermas, como aponta Bento Prado Jr.: “...A análise lógica dos sistemas teóricos morreu: viva a Retórica! Ali onde o projeto universalista da ciência unificada naufragou, nasceu uma nova disciplina universal, em muito semelhante à Pragmática Universal de Habermas, e que deve ser compreendida. E compreendê-la é compreender como renegar uma concepção estritamente “lógica” do universal não obriga a renunciar à universalidade ou a aceitar a irracionalidade.

O projeto de McCloskey só será compreendido se se reconhecer que “*rhetoricism is not irrationalism*”...” (Prado Jr. e Cass, 1993, p.207, grifos do original). Para concluir esta seção, acho que estas *boutades* de McCloskey vistas acima, e muitas outras que ele faz, devem ser avaliadas retoricamente, pensando no público ao qual se dirigem, e dentro de um clima de *épater les bourgeois* o qual sem dúvida McCloskey usa (e do qual às vezes abusa). Mas, como diz Feyerabend “...poderá, é claro, vir tempo em que se faça necessário conceder à razão uma vantagem temporária e em que será avisado defender suas regras, afastando tudo o mais. Não creio, porém, que estejamos vivendo esse tempo...” (1977, p.23)¹², ou seja, algum exagero contra os abusos da Verdade e da Razão estão plenamente, ao meu ver, justificados porque, como diz McCloskey “...os bárbaros contra os quais a metodologia filosófica deveria lutar estão dentro, e não fora, das portas” (1988b, p. 250).

Uma maneira mais sutil de pensar no problema da verdade e de sua relação com a retórica foi formulada por Mäki (1988a), quem tentou

demonstrar que o desprezo de McCloskey (e Klammer) pela verdade decorre de uma perspectiva instrumentalista em relação à teoria (que por sinal, seria contraditória com uma posição metateórica realista que propõe que o filósofo da ciência observe o que os cientistas fazem em sua atividade efetiva), e tentou a partir disso: a) Reivindicar a possibilidade de compatibilizar retórica com realismo (i.e., com preocupações com alguma versão da verdade); b) Mostrar que para McCloskey seria melhor ser realista para evitar contradições lógicas em sua posição. Em particular, um ponto essencial que ele retoma é a já mencionada separação que McCloskey faz entre 'verdade' e 'Verdade', donde sugere "...verdade propriamente é verdade com algum tipo de correspondência, enquanto que Verdade é verdade com plenas garantias epistêmicas..." (1988a, p. 97).

Ou seja, haveria uma confusão em McCloskey entre verdade e certeza, argumento com o qual este acaba concordando (1988a, p. 152), acrescentando que sugere substituir o adjetivo verdadeiro pelo atributo goodmaniano de ser "certo" (p. ex., a pergunta 'É a França hexagonal?' não é nem verdadeira nem falsa, mas pode ser certa ou errada nos diferentes contextos em que a questão venha ser levantada). Todavia, fica a dúvida para mim de se é tão fácil dizer que Verdade com V maiúsculo refere-se apenas à componente de certeza no conceito de verdade, e que este seria o tipo de respostas às quais nunca poder-se-á chegar. Veja-se que nem sempre tem sentido dizer que nunca podemos ter certeza, pois ela está garantida em muitas questões menores ("A mistura no tubo de ensaio ficou azul", "Nessa sala há agora 16 alunos fazendo prova"), que genericamente podem ser definidas como observações protocolares. O problema relevante é que há muitas coisas em que a certeza é impossível, e pragmaticamente podemos chegar, deste lado do juízo final, apenas a pensar/acreditar que nossa posição é a correta.

Mas então, se não podemos ter garantias da verdade, como sabemos se o conhecimento avança? Posto de outra maneira, como são resolvidas as polêmicas em Economia? Não precisamos da retórica de McCloskey para lembrar que a tenacidade é uma característica (melhor ainda, uma virtude) dos programas de pesquisa ou dos paradigmas nas mais diversas ciências (Lakatos, 1979). Não deixa de ser

razoável pensar que as próprias polêmicas (independentemente de sua eventual resolução) representam em si mesmas o aumento do conhecimento em economia¹³.

De todos modos, a maneira como Paulani aborda a questão do avanço do conhecimento através de polêmicas, descrevendo o debate entre monetaristas e inercialistas, é algo inocente. Ela diz que, segundo Bacha, havia uma discussão em torno ao valor do parâmetro e de uma certa equação, a qual foi resolvida (*sic*) por Modiano em 1985 em favor dos monetaristas (1992, p.162-3). Essa fé no teste crucial não se encontra em Lakatos nem, segundo ele, nas páginas mais elaboradas de Popper, porque essa idéia de que uma teoria pode ser rejeitada por um teste caracteriza, segundo Lakatos, o tipo de falseacionismo que ele denomina de ingênuo¹⁴. Recuso-me a acreditar que um inercialista conseqüente tenha desistido de sua teoria pelo "teste" de Modiano (ou por outro qualquer). Aliás, encontraríamos aí um caso de irracionalidade ou engano coletivo, pois Modiano teria acabado com o inercialismo em 1985, mas este viria constituir um ano depois a base teórica do Plano Cruzado. Como decorre da tese Duhem/Quine, segundo a qual sempre pode se modificar hipóteses auxiliares de modo a resgatar uma teoria, parece plausível postular que o esquecimento do inercialismo nestes dias pode ser explicado muito mais como decorrência do fracasso da política de choques econômicos *a la* Austral e Cruzado do que por qualquer teste com pretensões de ser definitivo.

Ou seja, se numa típica conversa entre fãs de futebol discutimos quem era o goleiro alemão na final da Copa de 66, o recurso à "Rothman's Guide" ou a uma fonte equivalente permite determinar que quem disse Tilkowski está com a verdade de caixa baixa e com a certeza. Esse tipo de teste crucial sempre funciona para discutir a verdade ou não de certos "enunciados observacionais", por mais radical que seja a dependência entre teoria e fato que cada um defenda. Mas, saindo desse nível, as coisas não são tão fáceis.

Retórica, ciência e arte.

Constitui outro risco da crítica de McCloskey às pretensões normativas do modernismo o de que, a partir disso, possa ser visto como inimigo da ciência.

Isso é feito por Paulani, que lhe atribui essa característica a partir de duas citações supostamente anticientíficas (1992, p.160) por nivelar os discursos científico e literário. Não acho isso válido; pretender que uma frase do tipo "boa ciência é boa conversa" (McCloskey, 1985, p.27) seja um exemplo de irracionalismo ou algo semelhante é pouco habermasiano. É concebível boa ciência que não seja boa conversa? Mais ainda: a frase "a ciência não é ciência, é uma coleção de formas literárias" (1985, p.55) não pode ser avaliada à luz da lógica formal: "A não é A, A é B", pois se A não é A, logo não é, logo não pode ser nem B nem nada. Então, o que querará McCloskey significar com isso? Posso sugerir que simplesmente está dizendo que qualquer maneira de fazer ciência tem que passar através de (i.e., utiliza necessariamente) formas literárias¹⁵. Ou seja, uma reafirmação de que não existe um esquema hipotético-dedutivo exclusivo da ciência que prescindia das outras formas de persuasão características da retórica, e que são empregadas naturalmente pela literatura.

Acho que, contudo, neste ponto aparece uma das críticas mais relevantes feitas por Mirowski a McCloskey. O ponto é que o crescimento do conhecimento é sempre (um)a (das) meta(s) da ciência, enquanto que a poesia persegue essencialmente fins estéticos. Logo, as formas, figuras, etc., podem ser as mesmas, mas não o sentido de sua utilização. Especificamente, as metáforas no texto poético não deveriam ser trabalhadas além do seu impacto inicial (exceto como hobby de críticos pedantes), enquanto que "...as metáforas científicas têm claramente critérios diferentes de eficácia e sucesso (....) Uma característica distintiva das metáforas científicas é o fato de que são consideradas falhas se concitam um impacto apenas temporário e não viram objeto de elaboração e explicação pedantes..." (Mirowski, 1988, p.137). Em particular, o que Mirowski aponta é que por exemplo na controvérsia de Cambridge X Cambridge tratar os conceitos neoclássicos de função de produção e capital como "metáforas" que podem ser abandonadas quando convém e retomadas logo na frente quando Samuelson e seus companheiros intelectuais chegam a becos sem saída (p.124-5), implica esquecer que a metáfora deve ser explorada, e que o sucesso de um programa

de pesquisa pode se dever a um tipo particular de metáfora que não pode ser abandonada *a piacere* quando se depara com dificuldades.

Conclusão.

A breve revisão de diversas críticas formuladas a McCloskey por alguns economistas alheios ao *mainstream* mostra essencialmente, em nossa opinião, que em termos gerais suas visões são compatíveis, no mínimo ao nível metateórico. Como diz Bento Prado Jr., o objetivo de McCloskey parece perfeitamente claro: "...mostrar a completa incompatibilidade entre a prática real dos economistas e a autoconsciência epistemológica ou metodológica com a qual justificam essa prática" (1993, p. 206). A rejeição de doutrinas que postulam que há um único conhecimento verdadeiro e que portanto todos os outros são falsos, abre espaço para um pluralismo teórico que deveria ser bem recebido por todos aqueles cujas vozes são sem dúvida minoritárias entre os economistas¹⁶.

Isso não significa minimizar as diferenças teóricas: são, dentro de suas respectivas visões, tão válidas as críticas de Mirowski ao uso da retórica por McCloskey para defender a teoria neoclássica quanto a tentativa de Mayer de que alguém que declara ser mais simpático a Friedman do que a Galbraith ou a Joan Robinson faça uma crítica ao estado atual da Economia. Mas, como diz Ruccio (1991, p. 495-6), quando numa revista marxista aparece, na forma muito pouco usual de um diálogo, um artigo de um economista neoclássico conversando com um institucionalista, um quadro novo está surgindo¹⁷.

Além disso, o que nos restaria se renunciarmos à retórica? Coincidiu plenamente nesse particular com Aldrich e Salviano Jr. (1990, p. 269) quando dizem que : "...Ao abandonar a retórica (....) restaria o modernismo ou o irracionalismo. Alternativas ambas cômodas que, entretanto, parecem não competir em realismo e fecundidade com o fatigante e arriscado trabalho de conversação civilizada entre pessoas intelectualmente qualificadas. Discutir sempre que necessário, confrontar idéias, descobrir os próprios pressupostos, ouvir e estar aberto a mudar suas convicções: esse é o cardápio apresentado pela retórica para McCloskey".

Quero, finalmente, destacar que o convite à conversa civilizada e ao pluralismo metodológico não

exigem cair num absoluto relativismo em questões teóricas. Concluo este artigo citando palavras de Sheila Dow que faço minhas: "Deixando de lado um arcabouço dualista {tentei} relevar parte do terreno intermediário entre racionalismo e relativismo (....) As implicações disso são diferentes para a metodologia e para a prática da economia: se a metodologia deve promover a compreensão e a análise crítica de diferentes escolas do pensamento, deve envolver certo grau de pluralismo. Na sua prática os economistas devem por todos os meios construir e defender suas teorias em base a princípios comuns aos seus próprios paradigmas, enquanto conservam uma atitude tolerante e aberta em relação aos membros de outros paradigmas" (1990, p. 154-5).

Bibliografia

- ALDRIGHI, Dante M. & Cleofas SALVIANO Jr. (1990). "A Grande Arte: a Retórica para McCloskey". In *Anais do XVIII Encontro Nacional de Economia*, vol 1: 253-72.
- ANUATTI NETO, Francisco (1994). *Persuasão racional em Keynes: uma aplicação de retórica em história das idéias econômicas*. Tese de Doutorado, FEA/USP.
- ARIDA, Pérsio (1991) [1984]. "A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica". In REGO, José Márcio (org.): *Revisão da Crise: Metodologia e Retórica na História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Bial, 1-41.
- BROWN, Vivienne (1994). "Higgling: the Language of Markets in Economic Discourse". In DE MARCHI, Neil & Mary S. MORGAN, orgs. *Higgling: Transactors and their Markets in the History of Economics. History of Political Economy*, 26 (Suplemento Anual): 66-93.
- CALDWELL, Bruce J. (1984) [1982]. *Beyond Positivism - Economic Methodology in the Twentieth Century*. Londres: George Allen & Unwin.
- (1989). "Post-Keynesian Methodology: an Assessment". *Review of Political Economy*, 1 (1): 43-63.
- CHOI, Young Back (1991). "An interview with Arjo Klamer". *Methodus*, 3 (1): 131-7.
- COATS, A. W. (1988). "Economic rhetoric: the social and historical context". In KLAMER, Arjo Donald McCLOSKEY & Robert SOLOW, orgs. *The consequences of economic rhetoric*. Cambridge & New York: Cambridge University Press. 64-84.
- DOW, Sheila C. (1990). "Beyond Dualism". *Cambridge Journal of Economics*, 14 (2): 143-57.
- (1991). "Are there any Signs of Post-modernism with Economics?". *Methodus*, 3 (1): 81-5.
- DYER, Alan W. (1988). "Economic Theory as an Art Form". *Journal of Economic Issues*, 22 (1): 157-66.
- FERRY, Luc (1994) [1990]. *Homo Aestheticus: a Invenção do Gosto na Era Democrática*. Trad. Eliana M.M. Souza. São Paulo: Ensaio.
- FEYERABEND, Paul (1977) [1970]. *Contra o método*. Trad. Leônidas Hegemberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- HAGGE, Wandyr (1989). "O Califa e as Estrelas: Considerações sobre a Idéia de Progresso em Teoria Econômica". In AMADEO, Edward J.(org), *Ensaio sobre Economia Política Moderna: Teoria e História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Marco Zero, 23-66.
- HARRIS, Roy & Talbot J. TAYLOR (1989). *Landmarks in Linguistic Thought: the Western Tradition from Socrates to Saussure*. London & New York: Routledge.
- KHALIL, Elias L. (1995). "Has Economics Progressed? Rectilinear, Historicist, Universalist, and Evolutionary Historiographies". *History of Political Economy*, 27 (1): 43-87.
- KLAMER, Arjo (1988). "Economics as Discourse". In DE MARCHI, Neil (org.): *The Popperian Legacy in Economics*. New York: Cambridge University Press, 259-78.
- LAKATOS, Imre (1979) [1970]. "O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica". In LAKATOS, Imre e Alan MUSGRAVE, *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 109-243.
- McCLOSKEY, Donald N. (1983). "The Rhetoric of Economics". *Journal of Economic Literature*, 21 (2): 481-517.
- (1985). *The Rhetoric of Economics*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- (1988a). "Two replies and a dialogue on the Rhetoric of Economics - Maki, Rappaport and Rosenberg". *Economics and Philosophy*, 4(1): 150-66.
- (1988b). "Thick and Thin Methodologies in the History of Economic Thought". In DE MARCHI, Neil (org.): *The Popperian Legacy in Economics*. New York: Cambridge University Press, 245-57.
- (1990). *If you're so smart: the narrative of economic expertise*. Chicago: University of Chicago Press.
- (1994a). "How Economists Persuade". *Journal of Economic Methodology*, 1 (1): 15-32.
- (1994b). *Knowledge and Persuasion in Economics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- & Arjo KLAMER (1995). "One Quarter of GDP is Persuasion". *American Economic Review (Papers and Proceedings)*, 85 (2): 191-5
- MAKI, Uskali (1988a). "How to combine Rhetoric and Realism in the Methodology of Economics". *Economics and Philosophy*, 4(1): 89-109.
- (1988b). "Realism, Economics and Rhetoric: a rejoinder to McCloskey". *Economics and Philosophy*, 4(1): 167-9.
- MAYER, Thomas (1993). *Truth versus Precision in Economics*. Aldershot: Edward Elgar.
- MIROWSKI, Philip (1988). "Shall I compare thee to a Minkowski-Ricardo-Leontief-Metzler Matrix of the Mosack-Hicks Type? (Or Rhetoric, Mathematics and the Nature of

Neoclassical Economic Theory)". In KLAMER, Arjo Donald McCLOSKEY & Robert SOLOW, orgs. *The consequences of economic rhetoric*. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 117-45.

O'HARA, Phillip A. (1993). "Methodological Principles of Institutional Political Economy: Holism, Evolution and Contradiction". *Methodus*, 5 (1), 51-71.

PAULANI, Leda M. (1992). "Idéias sem lugar: sobre a retórica da economia em McCloskey". In *Anais do XX Encontro Nacional de Economia*, vol. 2: 153-65.

PRADO JR., Bento e Mark Julian R. CASS (1993). "A retórica da economia segundo McCloskey". *Discurso*, 22: 205-21.

REGO, José Márcio (1990). "Retórica no Processo Inflacionário: a Teoria da Inflação Inercial". In REGO, José Márcio (org.): *Inflação e Hiperinflação: Interpretações e Retórica*. S. Paulo: Biental, 153-179.

ROSEMBERG, Alexander (1988a): "Economics is too important to be left to the Rhetoricians". *Economics and Philosophy*, 4(1): 129-49.

——— (1988b): "Rhetoric is not important enough for Economists to bother about". *Economics and Philosophy*, 4(1): 173-5.

RUCCIO, David F. (1991). "Postmodernism and Economics". *Journal of Post-Keynesian Economics*, 13 (4): 495-510.

SALVIANO JR., Cleofas (1993). *O discurso cepalino: ensaio de análise retórica*. Dissertação de Mestrado, IPE/USP.

WALLER, William & Linda R. ROBERTSON (1990). "Why Johnny (Ph.D., Economics) Can't Read: a Rhetorical Analysis of Thorstein Veblen and a Response to Donald McCloskey's *Rhetoric of Economics*". *Journal of Economic Issues*, 24 (4): 1027-44.

² Devemos lembrar que, ainda assim, este tipo de discussão começou mais tarde em economia do que em outras ciências sociais, o que, nas palavras de Coats (1988, p.64) "...difícilmente pode surpreender, considerando o desinteresse geral dos economistas pelos campos de pesquisa vizinhos e o desprezo pela história da sua própria disciplina..."

³ O próprio McCloskey continuaria publicando diversas obras nesta linha de preocupações; veja-se especialmente McCloskey (1990) e (1994b).

⁴ Vale a pena destacar que os artigos na área de metodologia, que normalmente encontravam-se espalhados em diferentes *journals*, ganharam nos últimos anos duas revistas dedicadas à mencionada temática: *Economics and Philosophy*, - que ocupa um espectro mais amplo na fronteira entre economia e filosofia - cuja publicação começou em 1985, e *Methodus*, mais específica, que apareceu entre 1989 e 1993, sendo substituída a partir de 1994 pelo *Journal of Economic Methodology*.

⁵ Conste que no Brasil, na mesma época em que McCloskey publicava seu ensaio inicial, Pérsio Arida

também escreveu um artigo sobre o assunto (Arida, 1991). Dito artigo deve ser considerado fruto do mesmo clima intelectual do qual surgiu a obra de McCloskey, mas não pode ser incluído dentro da polêmica surgida a partir de McCloskey.

⁶ Com sua ácida prosa, McCloskey diz dos metodólogos tradicionais: "...Seguindo um impulso evidente desde os pintores das cavernas, eles identificam uma coisa nova e insuficientemente compreendida com seus medos mais profundos. Não é que os metodólogos tradicionais entendam o que lêem e discordem disso. Pode se demonstrar facilmente que, à diferença dos não-metodólogos, eles não o entendem em absoluto. O padrão existente em sua maneira de pensar obstrui a recepção da retórica." (1988a, p.151).

⁷ Por exemplo Rosemberg, embora faça críticas à economia como ciência diz que entre as Ciências Sociais a Economia "...é aquela cuja forma e método proclamados parecem necessitar menos uma racionalização anti-positivista" (1988a, p. 130).

⁸ Novamente Rosemberg: "...é uma premissa crucial na argumentação anti-neoclássica (a de McCloskey, RGF) que podemos nos privar da economia, devido ao fato que ela não pode, nem em princípio, nos fornecer com a classe de conhecimento que precisamos" (1988a, p. 149).

⁹ A interpretação proposta neste artigo de dividir os críticos da Retórica em "mainstream" e "não-mainstream" pode ser vista como um tanto simplificada, por minimizar as diferenças entre as diversas correntes que se enquadram neste último grupo; todavia, acredito que reflete um sentimento que é ou está se tornando freqüente entre aqueles pertencentes aos programas de pesquisa minoritários em Economia, o que entendo que se reflete na tentativa de enfatizar as semelhanças entre Institucionalistas e *Radicals* levada a cabo por O'Hara (1993), ou na tentativa de Caldwell (1989) de criar pontes entre Austríacos e Pós-Keynesianos.

¹⁰ McCloskey defende enfaticamente o que ele chama de "Velha Escola de Chicago", representada por pessoas como Frank Knight, Margareth Reid, T.W.Schultz, Ronald Coase e também por Milton Friedman. A esta vertente ter-se-ia oposto uma linha mais dogmática e pouco preocupada com os conteúdos empíricos representada fundamentalmente por George Stigler e, em menor medida, por Gary Becker (vide McCloskey, 1994b, caps. 1 e 2, onde o autor relata sua formação intelectual).

¹¹ Ao citar essa frase como "quinta roda totalmente inútil" (p.160) Leda Paulani parece ter exagerado na tradução.

¹² Acrescento que, por estas e outras razões, avalio que o contraponto Feyerabend-McCloskey que Paulani faz (1992, p.160) é simplesmente incorreto.

¹³ Conste que, nestas discussões, muitas vezes parece garantido que as controvérsias são 'resolvidas'. Todavia, como mostra Arida (1991, p.13) "...a presunção de que as controvérsias em teoria econômica comportam-se de acordo com os cânones da superação positiva não é

validada pela história do pensamento". Anuatti Neto (1994, p.29-30), inspirado em Arida, propõe uma classificação das possíveis formas em que as controvérsias podem ser resolvidas (conceito que este autor prefere a "superadas"). Não quero entrar na polêmica de se o resultado líquido disso tudo pode ser interpretado como progresso, bastando dizer aqui que basicamente compartilho a visão de Wandyr Hagge (1989), embora acrescentando que a tipologia de possibilidades de mudança teórica proposta por Khalil (1995) deve servir para pensar com mais cuidado o que é mudança e o que é progresso na história da economia.

¹⁴ Com menos boa vontade, daria para pensar que se trata

de um caso de falseacionismo dogmático, o que caracteriza as primeiras idéias de Popper, o Popper₀ de Lakatos, antes da *Logik der Forschung*. (Lakatos, 1979, p.224)

¹⁵ Como McCloskey disse, "...seus [dos economistas e outros cientistas] modos de argumentação (....) não são muito diferentes dos discursos de Cícero ou dos romances de Hardy" (1983, p.508).

¹⁶ Por exemplo, McCloskey lembra que a ala esquerda dos economistas tem sido normalmente deixada de lado nas conversas devido a uma retórica que diz que seu trabalho não é sério, ao que ele acrescenta que isso não é justo, defendendo o trabalho sobre o mundo real de Paul Sweezy contrapondo-o às abstrações de Samuelson (1994b, p. 155)

¹⁷ Isso se refere ao diálogo entre Donald McCloskey e Arjo Klamer no número de outono de 1989 de *Rethinking Marxism* (reproduzido em McCloskey, 1994b, p.344-63)